

O MUSEU DO IMIGRANTE ITALIANO DA QUARTA COLÔNIA: UMA REFLEXÃO SOBRE SUA TRAJETÓRIA

THE MUSEUM OF THE ITALIAN IMMIGRANT OF THE FOURTH COLONY: A REFLECTION ON ITS TRAJECTORY

Ana Lucia Faccin Pivetta¹
Fernanda Kieling Pedrazzi²

RESUMO

Este estudo descreve a trajetória do Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo (MIEM), considerando o contexto da imigração italiana na Quarta Colônia, mais precisamente no distrito de Vale Vêneto, localizado no município de São João do Polêsine, no centro do estado do Rio Grande do Sul (RS). Para entendimento das especificidades do grupo de italianos que ali aportaram, usou-se a metodologia de revisão bibliográfica baseada em livros, periódicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado que abordam as diferentes facetas da imigração italiana e de assuntos relevantes, tais como patrimônio cultural, memória, identidade e museu. A partir disso, justifica-se a importância deste estudo como conscientização das especificidades do processo de imigração italiana que ocorreu na região central do Rio Grande do Sul, buscando, a partir de um novo olhar, entender as particularidades desse grupo. Outro aspecto é contribuir para valorizar, através do exercício da análise crítica, os espaços de memória que mantêm uma identidade social, a fim de que novas gerações possam usufruir desse conhecimento, buscando a sua preservação.

Palavras-chave: Museu do Imigrante Italiano. Patrimônio Cultural. Memória. Identidade. São João do Polêsine.

ABSTRACT

This study describes the trajectory of the Eduardo Marcuzzo Italian Immigrant Museum (MIEM), considering the context of Italian immigration in the Fourth Colony, more precisely in the district of Vale Vêneto, located in the municipality of São João do Polêsine, in the center of the state of Rio Grande do Sul (RS). In order to understand the specificities of this Italian immigrant group who arrived there, it was used the methodology of bibliographical revision based on books, journals, master's dissertations and doctoral thesis that address different aspects of the Italian immigration and relevant subjects, such as cultural heritage, memory, identity and museum. From that, it is justified the importance of this study as an

1 Graduada em Psicologia pela UFRGS, Especialização em Gestão de Recursos Humanos pela UNINTER, Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural pela UFSM.

2 Graduada em Comunicação Social, Jornalismo e Arquivologia. Mestre em Engenharia de Produção pela UFSM. Doutora em Letras pela UFSM. Professora Adjunta do Departamento de Documentação/CCSH/UFSM.

awareness of the specificities of the italian immigration process, which has occurred in the central region of the state of Rio Grande do Sul, seeking, from a new perspective, to understand the particularities of this group. Another aspect is to contribute to value, through the exercise of critical analysis, the memory spaces that maintain a social identity, so that new generations can enjoy this knowledge, seeking its preservation.

Keywords: *Italian Immigrant Museum. Cultural Heritage. Memory. Identity. São João do Polêsine.*

INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é discorrer sobre a trajetória do Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo (MIEM)³, localizado no município de São João do Polêsine, no centro do Estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente no distrito de Vale Vêneto⁴. Este percurso envolve desde a sua concepção inicial (da sua fundação, em 26 de julho de 1975, e inauguração, no dia 29 de outubro de 1978), até os dias atuais. Para compreender esse percurso, é lançado um novo olhar a partir do patrimônio cultural que está interessado em entender as particularidades desse grupo, valorizando, através do exercício da análise crítica, o espaço de memória em questão. Diante dessa resignificação, o MIEM passa a assumir uma identidade social, sendo valorizado e preservado como um patrimônio cultural pela atual e futuras gerações.

Para compreender a trajetória do MIEM é necessário primeiro entender o percurso dos imigrantes italianos que saíram da região norte da Itália e chegaram ao Brasil, por volta do ano de 1870. Compreender quais eram esses contextos, tanto o de saída quanto o de chegada, quais eram as particularidades desses grupos que emigraram da Itália e se instalaram no Rio Grande do Sul (RS), quais eram as suas expectativas e anseios frente ao novo mundo que desbravavam. Sponchiado (2019, p. 21), em seu livro *Imigração e Quarta Colônia*⁵, recomenda:

Iniciemos por identificar as marcas do modo de ser do imigrado do norte da Itália, ou seja, o seu *ethos*, entendido como os hábitos tradicionais adquiridos por uma comu-

3 O Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo está situado na Rua Padre João Iop, s/nº.

4 Vale Vêneto foi o primeiro núcleo a ser colonizado na região da Quarta Colônia e fica a 40 km de Santa Maria.

5 Atualmente, a Quarta Colônia de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul é formada pelos municípios de Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Seca, São João do Polêsine e Silveira Martins, localizados na Região Central do Estado do Rio Grande do Sul (FOLETTTO, 2019, p. 26)

nidade que distingue um grupo sociocultural dos demais, sendo assim uma identidade social. Por *ethos* comunitário entendemos um grupo de pessoas que possui objetivos comuns e mantém relações sociais estáveis de solidariedade (comum-unidade). Retenha-se que esse vínculo (objetivo) não é consensual, e sofre alterações com o tempo, à medida que a comunidade se complexifica e enfrenta novas demandas.

Para que se possa entender as particularidades da imigração italiana é necessário que, além do conhecimento da historiografia, sejam realizadas leituras das fontes desses grupos de imigrantes, como cartas escritas por eles próprios e documentos oficiais da época. Tais documentos podem nos trazer uma visão ampliada frente aquelas mais difundidas, geralmente escrita por grupos detentores de poder que, na sua maioria, fazem questão de ressaltar os aspectos gloriosos da imigração italiana em detrimento das demais culturas.

O entendimento dessas especificidades faz compreender que o processo de imigração italiana não é uma história única e igual para todos os grupos que aqui aportaram, mas sim que cada um deles carrega uma complexidade, que é refletida por certas características, como a de relações de interesse e de reciprocidade, de parentesco, de hábitos e de costumes presentes nesses grupos de imigrantes italianos. Michel de Certeau, em seu livro *A escrita da história*, afirma que a produção histórica está vinculada ao lugar no qual ela é elaborada, e esse espaço pode permitir um tipo de produção e proibir outros. Logo, considerar o ambiente em que é produzida a história não é explicá-la, mas sim é um meio necessário para que alguma coisa possa ser dita (CERTEAU, 2008, p. 76-77). Isso reforça a necessidade de contextualizarmos o processo de imigração que ocorreu no Brasil.

É nessa particularidade que se insere o MIEM, pois por meio dele é retratado um discurso sobre uma história de vida de um grupo de imigrantes italianos que vivenciaram certas dificuldades, que mostraram seus hábitos e costumes e sua religiosidade. Importante salientar que essa é a história desse grupo em específico e que talvez não seja a mesma dos demais grupos de italianos que se centraram em outros núcleos coloniais do RS e de outras regiões do Brasil.

A metodologia utilizada para a realização deste artigo é a revisão bibliográfica, procurando levantar informações relacionadas à imigração italiana no RS, sobre memória, identidade e museu, em especial o MIEM. São também utilizadas outras publicações, tais como periódicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Este artigo é desenvolvido em se-

ções a fim de que se possa aprofundar os assuntos que são relevantes para o entendimento dessa trajetória, a saber: uma breve contextualização da imigração italiana no RS; a quarta colônia de imigrantes italianos no RS, mais precisamente o núcleo de Vale Vêneto; conceitos de museu, memória, identidade, patrimônio cultural; e, por último, a trajetória do MIEM.

Ao final, tecem-se algumas considerações sobre este estudo, como a importância de espaços de memória para a construção e consolidação de uma identidade social, e o mérito da comunidade de Vale Vêneto que, com as colaborações espontâneas de técnicos e voluntários, mantém a estrutura do MIEM em funcionamento – mesmo com as dificuldades encontradas para a sua manutenção e aprimoramento, pela falta de apoio financeiro e de recursos humanos por parte da gestão municipal; e chama-se atenção para as iniciativas tecnológicas adotadas para promover a sua divulgação e promover o turismo cultural.

1 Breve contextualização da imigração italiana no RS

Primeiramente, é importante apresentar alguns elementos que assolava a Itália na época da imigração para o Brasil. A Itália, no século XIX, tinha parte da população imersa na miséria, com sérios problemas sociais, políticos e religiosos, sendo a população rural a mais prejudicada. Marca-se esse período pelas lutas em prol da Unificação da Itália e pela Revolução Industrial. Diante de um cenário marcado por falta de alimentos, questões climáticas, falta de terras, altos impostos cobrados pelas terras arrendadas, estava cada vez mais difícil permanecer na Itália, em condições que provessessem o sustento de suas famílias.

Diante de tal cenário, muitos camponeses aproveitaram o incentivo dado pelo Brasil imperial por meio da política de imigração⁶ e se utilizaram dessa oportunidade para migrarem para a América, pois para eles este era um mundo de novas possibilidades, em que eles poderiam ser os donos de suas próprias terras, serem os patrões – *padrones*, fazerem *La cucagna*, ou seja, a fortuna. Eles vislumbraram que no Brasil teriam a possibilidade de abandonar uma realidade com a qual não estavam mais satisfeitos e colocaram as suas esperanças na conquista da liberdade e de uma vida melhor

6 Tratava-se de uma “Imigração Financiada”, conforme Decreto nº 3.784, sendo dados alguns favores como: transporte da Europa para o Brasil e, neste, hospedagem e transporte até as Colônias; venda à vista ou a prazo do lote de terra; derrubada da mata e casa provisória no lote, bem como instrumentos agrários e sementes; subsídio de 20.000 réis em dinheiro ao imigrante maior de 10 e menor de 50 anos; tratamento médico e botica; culto religioso e instrução escolar primária (SPONCHIADO, 2019, p. 52-53).

no outro lado do Atlântico. Logo, o caminho que se delineava era o da emigração. Isso se pode observar através da carta de um imigrante que escreve ao seu pai, que se encontrava na Itália, que diz: “digam a eles que deixamos os patrões na Itália e somos donos de nossas vidas, temos quanto queremos para comer e beber, além de bons ares, e isto significa muito para mim. Eu também não queria estar mais na Itália, sob aqueles patrões velhacos. Aqui, para encontrar autoridade, são necessárias 6 [seis] horas de viagem” (DE BONI, 1977, p. 59).

Aproveitando o quadro de dificuldades que a Itália enfrentava, o Brasil incentivou a vinda dos imigrantes através de sua política de imigração, pois havia interesse do governo imperial para que esses imigrantes italianos viessem colonizar as terras devolutas da região da central do Rio Grande do Sul (MARIN, 1999, p. 12).

Nesse contexto é que acontece a imigração dos italianos para o Brasil, conforme bem observou Sponchiado (2019, p. 31) “a imigração italiana para o Brasil teve um duplo significado: para uns foi o Canaã, A Terra Prometida, onde correm leite e mel; no caso, a realização da *cucagna*. Para outros, e não poucos, representou um Egito, terra de cativo, desgraça e miséria”. Logo, é necessário entender a complexidade dos fatores que estiveram envolvidos em cada grupo de imigrantes que chegaram ao Brasil. Cada um deles trouxe consigo as suas experiências pessoais, espirituais, culturais, sociais e econômicas vividas na Itália e que, por sua vez, ao chegarem ao Brasil, foram destinados para locais diferentes, cada qual com sua particularidade. Ao chegarem nas colônias do RS, encontraram adversidades locais, desde o relevo e o clima, que foram confrontadas com sua experiência pregressa e culminou em uma nova forma de fazer aquilo que já conheciam e a descoberta de toda uma nova realidade. Dessa forma é provável que cada grupo tenha acabado por escrever sua história pessoal e local diferente dos demais grupos.

2 Quarta Colônia de imigrantes italianos no RS: núcleo de Vale Vêneto

Marin (1999), que organizou o livro *Quarta Colônia: Novos Olhares*, revela que as grandes levas de imigrantes italianos que chegam ao RS nas últimas décadas do século XIX, em sua maioria camponeses patrocinados pelo governo Imperial, vieram para colonizar as terras devolutas e montanhosas da Serra Geral. Parte desses imigrantes oriundos da região norte da Itália foi destinada à região nordeste do RS, constituindo-se as três Colônias chamadas de Conde D’Eu (atual Garibaldi), Dona Isabel (atual Bento Gonçalves) e Campo dos Bugres (atual Caxias do Sul). Outra parte desses

imigrantes ocupou a região central do RS, a Quarta Colônia, chamada de Silveira Martins.

Vendrame (2013, p. 167), em sua tese de doutorado, relata que após se estabelecerem nos núcleos coloniais do sul do Brasil, a partir de 1875, os imigrantes tiveram de se adaptar a uma realidade diversa daquela vivida nas aldeias de origem, dando início a um processo de acomodação interna do grupo e interação com os indivíduos da sociedade local. Nesse sentido, os imigrantes que vieram para ocupar a região da Quarta Colônia, a partir de 1877, tinham as características particulares de onde eram originários, porém tiveram que se adaptar à realidade local. Para a autora, o grupo de imigrantes que chegou a essa região tinha seus anseios e lutou para manter esses objetivos:

Os imigrantes italianos que chegaram à região central do Rio Grande do Sul, a partir de 1877, eram, em sua maioria, oriundos do meio rural. Almejavam ser proprietários de terras, cultivar seus produtos, produzir riquezas e sonhavam com uma vida sem patrão que lhes dessem ordens ou cobrasse pelo arrendamento das terras. Buscavam organizar suas comunidades segundo suas crenças e práticas religiosas, e, para isso, tinham que ter liberdade, pois assim poderiam estruturar os núcleos coloniais conforme seus anseios (VENDRAME, 2007, p. 29).

Marin (1999) também menciona que o primeiro grupo de italianos a ocupar a região da Quarta Colônia chegou em setembro de 1877, em torno de 157 famílias, que se instalaram no Barracão de Val de Buia⁷, até que as demarcações dos lotes de terra e sua respectiva distribuição para as famílias fosse realizada. Constatamos na literatura que muitas foram as descrições relatando as péssimas condições do local, pois, além do cansaço decorrente da longa viagem, o acesso até o local era precário, praticamente inexistente, e as condições estruturais do local eram ínfimas, como podemos observar por meio do relato de uma testemunha ocular:

Este barracão era logo abaixo da montanha, à esquerda da estrada que parte da Estação Colônia ou de Santa Maria e conduz a Silveira Martins. Não havia nada além desse pobre e assustador barracão, com uma área desmatada, cheia de árvores caídas. Não se via nada além de céu e bosques!

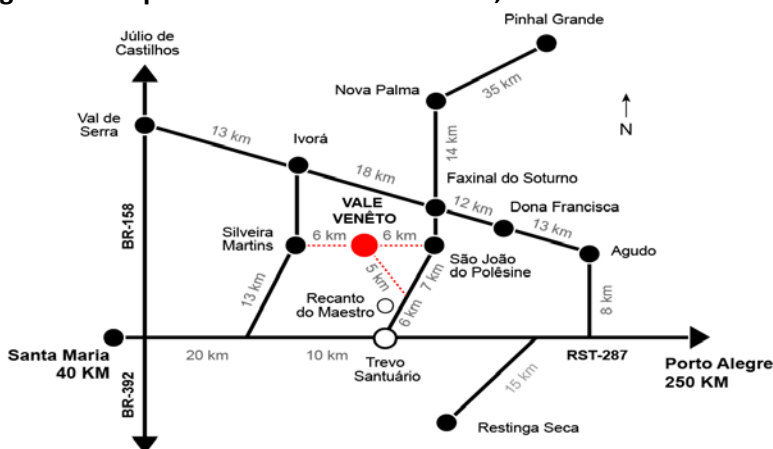
7 No local foi erguido um monumento, localizado no município de Silveira Martins, em homenagem ao imigrante italiano, e inaugurado em maio de 1977, por ocasião do centenário da Quarta Colônia Imperial (VIZZOTTO, 2014, p. 51).

Certamente deviam experimentar dores amarguíssimas os pais e mães, vendo-se com os seus filhos doentes, e eles mesmos também debilitados pelo cansaço da longa viagem de dois meses (...) Descarregar as suas bagagens nesta horrível floresta e ter que todos acomodarem-se em uma pobre cabana, um por cima do outro, sobre assoalho de madeira, e lá largar as poucas coisas e repousar cansados e doentes (SPONCHIADO, 2019, p. 55).

Quanto a sua constituição, no ano de 1882, a região da Quarta Colônia perdeu a sua condição de colônia imperial e se dividiu entre os municípios de Santa Maria, Cachoeira do Sul e Júlio de Castilhos. A Quarta Colônia de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul é hoje formada por nove municípios da Região Central (FOLETTTO, 2019, p. 26).

Vale Vêneto⁸ foi o primeiro núcleo a ser colonizado na região da Quarta Colônia e fica localizado a uma distância de 40 km do município de Santa Maria, conforme se identifica na Figura 1. Segundo Vizzotto (2014, p. 10-11), em sua dissertação de mestrado, em maio de 1878 chegavam as primeiras famílias para habitar o local que foi denominado de “Buraco”, por ser localizado em um vale. No mesmo ano, chegaram mais famílias lideradas por Paulo Bortoluzzi. Por sua família ser numerosa e com certo prestígio financeiro, o nome do local passou a se chamar Vale do Bortoluzzi. Posteriormente, depois de várias discussões, e a fim de buscar um nome que representasse a maioria, por sugestão do padre Antônio Sório foi proposto o nome de Vale Vêneto.

Figura 1 – Mapa do distrito de Vale Vêneto, São João do Polêsine - RS.



Fonte: Site do MIEM: <<http://www.museudoimigranteitaliano.org.br>>.

8 Vale Vêneto é distrito turístico do município de São João do Polêsine (RS).

Para compreender essa localidade, sua cultura, religiosidade, festividades e trabalho, temos de entender que, conforme esclarece Vendrame (2007, p. 74), esses imigrantes trouxeram da velha pátria seus costumes religiosos e sociais, estruturando as comunidades coloniais para poderem vivenciá-los. As atividades religiosas transcendiam as necessidades espirituais, carregando em si a capacidade de promover o ordenamento da sociedade.

Foletto (2019, p. 34), em sua dissertação de mestrado, informa que Vale Vêneto é conhecido hoje como um Polo Cultural e Turístico da Quarta Colônia de Imigrantes Italianos. As belezas naturais, a tradição, a gastronomia, o artesanato, a arquitetura das casas, a religião, o dialeto Vêneto, ainda falado por muitos moradores da região, estão representados nos pontos turísticos encontrados no Vale, movimentando a localidade e atraindo muitos turistas. Portanto, o Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo é um dos locais mais importantes a serem visitados. A fundação, o desenvolvimento, a história e a memória da colonização italiana de Vale Vêneto podem ser conhecidos em artefatos, fotografias e documentos expostos nesse Museu, um espaço preservado pela comunidade.

Sob esse aspecto, antes de traçar propriamente a trajetória do MIEM, pretende-se colocar em pauta alguns conceitos que são relevantes para compreender a relação de museu, enquanto um espaço de memória, que leva a uma construção de identidade e que, portanto, deve ser considerado com um patrimônio cultural e, conseqüentemente, abre caminhos para o turismo cultural, como veremos a seguir.

3 Museu: memória, identidade, patrimônio cultural

Abordar conjuntamente conceitos complexos como museu, memória, identidade e patrimônio cultural torna-se uma tarefa difícil. A intenção, porém, não é aprofundar, nesta seção, a discussão desses conceitos, mas buscar uma linha de inter-relação entre eles. Partindo do conceito de museu, pode-se afirmar que este sofreu modificações ao longo da história, inicialmente com uma visão mais restrita de cunho particular, e, com o passar do tempo, assume uma postura mais abrangente, com enfoque social e educativo, como mencionado abaixo:

Embora os museus sejam um dos dispositivos privilegiados através dos quais o passado é apresentado ao público, não podemos esquecer que isso é feito por uma diversidade de instituições, meios e práticas. No entanto, não podemos perder de vista que, como instituição dedicada à memória e

à celebração do passado, os museus desempenham um papel fundamental na construção de ideologias e identidades nacionais e sociais (FALCÃO, 2009, p. 12).

Dessa forma, é importante compreender que os museus são espaços criados por pessoas e/ou instituições, que visam transpor algo para a sociedade. Nada ali é aleatório, tudo tem uma razão de ser, portanto, o que é eleito para constar num museu tem como objetivo trazer algum conhecimento ou lembrança que nos remeterá a algo já vivido ou para reforçar a construção de uma identidade cultural. É importante salientar a definição do ICOM⁹, de modo a compreender que o museu se caracteriza por ser uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade (FALCÃO, 2009, p.13).

Portanto, os museus se constituem como espaços de memória, e isso é reforçado por Diehl (2002, p. 114) no livro *Teorias da história*, quando define que esses “lugares de memória” desempenham, através da memorização do passado histórico, o papel de identificação cultural dos sujeitos, uma vez que “o ato de lembrar produz sentido e significação através da ressubjetivação do sujeito e a repoetização do passado, produzindo uma nova estética do passado.

O MIEM se constitui em um espaço de memória, como mostrado a seguir, pois ali constam vários artefatos que reportam ao passado de um grupo de imigrantes, que através do momento presente pode ser lembrado e trazer novos tipos de conhecimento para o público que o visita, ou seja, o passado se reinventando no hoje. Portanto, retomar memórias é importante para contribuir na construção da identidade de um determinado povo. Para isso é necessário que não deixe de lembrar, ir em busca das raízes, das origens, do âmago da sua história etc. (BATISTA, 2005, p. 28). Reforçando essa ideia Pollak (1992, p. 204) pensa que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”.

Ao lembrar, a identidade individual e social é fortalecida. No

9 O ICOM (Conselho Internacional de Museus) é uma organização internacional ligada à UNESCO, fundada em 1946, que congrega museus e profissionais de museus. Ao ICOM está confiada a preservação e a difusão do patrimônio mundial – cultural e natural, presente e futuro, material e imaterial – para a sociedade (FALCÃO, 2009, p. 13).

caso do MIEM, pode-se dizer que uma história é discursivizada por um ou mais prismas a partir dos objetos expostos no local. Logo, essa representatividade ali exposta tem que ser legitimada pelas pessoas da comunidade ou pelas pessoas que tenham algum vínculo com esse passado, como é reforçado a seguir:

A identidade cultural e a memória reforçam-se mutuamente. Conhecemos as nossas raízes, distinguimos o que nos une e o que nos divide. Estamos aptos a entender que a cultura e a memória são faces de uma mesma moeda e que a atitude cultural por excelência e com o que nos rodeia, desde os testemunhos construídos ou das expressões da natureza aos testemunhos vivos aos quais são imprescindíveis para a construção desta identidade (BATISTA, 2005, p. 30).

Pode-se dizer que o MIEM constitui-se como patrimônio cultural, pois possui elementos que retomam a história de um grupo de imigrantes, que deixou um legado de conhecimento, hábitos, costumes, valores espirituais e de trabalho, com os quais muitos de seus descendentes se identificam e se reconhecem, oferecendo valor a esta contribuição cultural. Assim, deve-se “de qualquer maneira, garantir a compreensão da memória social preservando o que for significativo dentro do vasto repertório de elementos componentes do Patrimônio” (LEMOS, 1981, p. 29).

4 A trajetória do MIEM

Da mesma forma que a imigração italiana foi marcada por momentos de grandes dificuldades, mas também de conquistas e avanços; o MIEM, desde a sua concepção inicial, passando por sua fundação e inauguração até os dias atuais, enfrentou diversas dificuldades, mas com a colaboração voluntária de pessoas da comunidade e de fora dela, conseguiu avançar e progredir. Recentemente, como produto final de uma dissertação de mestrado¹⁰ em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria, foi construída a página oficial do MIEM na Internet.

O caminho que culminou com o que hoje é possível ver e sentir no MIEM teve origem com o imigrante italiano Eduardo Albino Marcuzzo que, ainda menino, começou a colecionar objetos que refletiam a cultura italiana, pois sua ideia era contar a história dos imigrantes. Para isso, a

¹⁰ A mestranda Célia Terezinha Foletto defendeu sua dissertação de mestrado no dia 24 de abril de 2019, apresentando como produto final o *site* do MIEM. Ainda não foi feita a divulgação oficial para o público em geral deste instrumento de marketing do MIEM.

cada peça que encontrava, ia tecendo um pequeno histórico sobre ela. Nas comemorações do Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul surgiu a ideia da criação do museu do imigrante. Para que essa ideia se concretizasse juntou-se ao material já existente (por parte de Eduardo) muitas outras doações feitas pela comunidade. Dessa forma, no dia 26 de julho de 1975, ocorreu a fundação do Museu do Imigrante Italiano Pe. João Iop¹¹ (VIZZOTO, 2014, p. 219-221).

A inauguração oficial do Museu ocorreu no dia 29 de outubro de 1978, quando foi comemorado o Centenário da Imigração Italiana de Vale Vêneto. A partir dessa data constituiu-se uma diretoria com o objetivo de conduzir as atividades, sempre sob liderança de Eduardo Marcuzzo. Posteriormente, em substituição à Diretoria, foi constituída uma Associação, que no ano de 1996 recebeu uma nova denominação, vindo a ser denominada de Associação Vêneta (AVE). Foi no ano de 2012 que o Museu foi oficializado, constituindo-se legalmente como um departamento (órgão administrativo) da AVE, sendo esta uma Associação Civil sem fins lucrativos. Nessa oportunidade, o museu passou a ser denominado “Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo”, em homenagem ao seu fundador (FOLETTTO, 2019, p. 46).

Com essa nova configuração, o MIEM passou a ter uma logomarca (Figura 2), uma Missão¹² e uma Visão¹³. A logomarca traz uma carreta estilizada, puxada pelos bois, simbolizando o principal meio de transporte terrestre da época. A carreta e os bois eram parceiros fiéis, que juntos com o imigrante, modificaram a região. As cores são uma referência a terra de origem, a Itália, mas também o verde representa a paisagem da região e o tom mais escuro da carreta destaca a sua caminhada na região, as dificuldades e os desafios a serem enfrentados (FOLETTTO, 2019, p. 47).

11 João Iop foi o primeiro filho de imigrantes que nasceu no Barracão de Val de Buia e também foi o primeiro padre palotino a ser ordenado no Brasil.

12 “Preservar a memória do cotidiano das famílias italianas e os documentos que testemunharam a história da Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul.”

13 “Ser referência na região para proporcionar às gerações futuras o reconhecimento da identidade dos antepassados.”

Figura 2 – Logomarca do Museu do Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo.



Fonte: Acervo do MIEM / Vale Vêneto / São João do Polêsine, RS.

O MIEM se localiza no prédio da Casa Paroquial de Vale Vêneto (Figura 3) e está estruturado em três andares desse prédio, contendo nove salas temáticas, constituindo um acervo em torno de 10 mil artefatos (FOLETTTO, 2019, p. 47).

Figura 3 – Fachada lateral da Casa Paroquial, entrada principal do MIEM.



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

Durante o período de 2014 a 2016 foi necessária, por medida de segurança, uma reforma geral no prédio que abriga o MIEM. Para que isso fosse realizado, não faltaram esforços de várias pessoas da comunidade e de fora dela, como alguns profissionais da área da Arquivologia, Museologia e Engenharia, para que a obra fosse concretizada. É importante salientar que toda essa colaboração foi gratuita e voluntária. A própria comunidade de Vale Vêneto arcou com os recursos financeiros da reforma (FOLETTTO, 2019, p. 49).

No dia 08 de julho de 2017, o MIEM foi reaberto ao público. Nessa nova reestruturação o acervo foi dividido em nove salas temáticas de exposição, sendo que os critérios para seleção dos objetos para as exposições, deu-se em função da relação de sua historicidade, antiguidade evidenciada e por demonstrar a simplicidade de vida no cotidiano das famílias (FOLETTTO, 2019, p. 53).

As nove salas de exposição foram divididas por temáticas com o objetivo de retratar o cotidiano das famílias dos imigrantes italianos que colonizaram Vale Vêneto, conforme disposto a seguir: “sala de entrada”, onde retrata um pouco dos valores culturais dos imigrantes expresso nos artefatos religiosos, de trabalho e utensílios de cozinha, denotando a simplicidade do cotidiano e as dificuldades de uma época onde o trabalho era todo manual; a “sala italiana” que busca ambientar o espaço de reunião da família italiana, à qual servia para as refeições, realização de velório, os namoros e oração do terço em família; a “cozinha italiana” que era o local de socialização, não só para comer, mas também para conversar e receber os vizinhos; a “sala da iconografia” onde está disponibilizado o acervo fotográfico, quadros de retratos de família, de objetos e de localidades, os quais retratam os costumes do cotidianos desses italianos; a “sala do trabalho, usos, costumes e fazeres” que mostra as habilidades artesanais a fim de suprir as necessidades para o cultivo agrícola, criação de animais e processamentos de produtos extraídos das pequenas propriedades; o “quarto italiano” que através de um conjunto mobiliário retrata o quarto do casal, seus hábitos e devoção religiosa; a “sala da musicalidade” é formada por objetos musicais da época da colonização, usados para animação das missas e festas, como também os instrumentos pertencentes à banda de Vale Vêneto, fundada em 22 de abril de 1922; a “sala de arte sacra” expõe imagens e objetos que denotam a religiosidade dos imigrantes italianos e objetos sacros usados nas celebrações religiosas e, por último, o “memorial padre Clementino Marcuzzo¹⁴” local onde estão expostos objetos que contam um pouco da história

14 Padre Clementino Marcuzzo foi o divulgador e propagador da cultura dos imigrantes italianos na região da Quarta Colônia, mais precisamente de Vale Vêneto. Faleceu no dia 15 de RIHGRGS, Porto Alegre, n. 157, p. 119-135, dezembro de 2019.

de sua vida, seu perfil de sacerdote, escritor, jornalista, pesquisador e animador das festas italianas (FOLETTTO, 2019, p. 54-79). A figura 4 exemplifica a sala temática do trabalho, usos, costumes e fazeres exposta no MIEM.

Figura 4 – Sala do trabalho, usos, costumes e fazeres do MIEM.



Fonte: Acervo fotográfico de Célia Terezinha Foletto (2018).

É importante salientar que, para que o MIEM chegasse a essa situação atual, muito foi feito em termos de doação de trabalho voluntário de pessoas da comunidade e fora dela, para que ele realmente viesse a se constituir em um espaço de memória, um patrimônio cultural local, proporcionando à comunidade de Vale Vêneto e aos visitantes um momento de apropriação dessa história, pois ela reflete a construção de uma memória individual e coletiva de pessoas que tiveram as suas vidas imbricadas com a cultura desses imigrantes italianos.

De acordo com Paiva (2004, p. 19-20) a imagem não é o retrato de uma verdade, nem a representação fiel de eventos ou de objetos históricos tal como teriam sido. Isso é irreal e muito pretensioso. A história e os diversos registros históricos são sempre resultados de escolhas, seleções e dos demais agentes que influenciaram essa produção.

Entende-se que o MIEM é a representação de um recorte do que foi a imigração italiana na Quarta Colônia, pois ele quer rememorar e contar através de seus artefatos a história de um grupo de italianos que aportaram em Vale Vêneto no ano de 1878. Preservar essa história é também preservar a identidade e a cultura das pessoas que se constituíram enquanto indiví-

duos e cidadãos a partir dessa realidade. Portanto, para nos identificarmos com essa história foi necessário retomá-la para, assim, valorizar e preservar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a compreensão da trajetória do MIEM é necessário reportar-se ao início da história da imigração italiana no Brasil e no Rio Grande do Sul, mais precisamente no núcleo de Vale Vêneto, pertencente à região da Quarta Colônia. Também foi necessário buscar uma fundamentação teórica a fim de relacionar os vários conceitos envolvidos neste estudo, para finalmente discorrer sobre a trajetória do MIEM. Essa estruturação possibilitou a construção de um conhecimento crítico em relação à imigração italiana no núcleo de Vale Vêneto, no sentido de não buscar generalizações, mas sim particularidades, entendendo que se trata de um grupo que trouxe determinadas características de seu país de origem e que, ao chegar ao seu destino, buscou se adaptar ao contexto local, mas sempre buscando manter os seus valores religiosos e de trabalho, no intuito de conquistar uma condição de vida melhor.

Nesse sentido, o MIEM carrega consigo uma história que foi construída pelos descendentes de imigrantes italianos que sentiram a necessidade de preservar e rememorar essa história, a história de seus pais e avós, para que ela não seja esquecida. Manter a cultura italiana do imigrante, representada por seu recorte exposto no MIEM, é uma forma de rememorar a identidade individual e social daquele povo. Importante dizer que no momento em que essa trajetória foi construída por pessoas que não viveram na época, mas sim obtiveram acesso a ela por meio de objetos, fotos e de documentos; trata-se de um recorte que, por sua vez, precisa ser reorganizado para poder ser contado. Nesse sentido, enfatiza-se a necessidade de se desconstruir para reconstruir os discursos sobre a imigração italiana.

Considera-se que este estudo é relevante para dar visibilidade ao MIEM, seja em *locus* ou virtualmente, pois trata-se de um patrimônio cultural da localidade que precisa ser preservado. Pensa-se que o Museu deva receber investimentos para a sua manutenção e aprimoramento, pois o carece de recursos básicos, como, por exemplo, recursos humanos e materiais. Destarte, o estudo pode, ainda, contribuir para que as autoridades municipais e demais cidadãos se conscientizem de seu valor, a fim de dar o aporte financeiro para que o museu possa se expandir e estar dentro dos parâmetros legais exigidos pela Museologia.

Para finalizar, destaca-se mais um importante aspecto do MIEM, que é a sua contribuição para o desenvolvimento do turismo cultural em

Vale Vêneto e região da Quarta Colônia de Imigrantes Italianos, promovendo o desenvolvimento econômico, social e cultural da região.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, Cláudio Magalhães. Memória e Identidade: Aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural. *Caderno Virtual de Turismo*, v. 5, n. 3, p.27-33, 2005. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php?journal=caderno&page=article&op=view&path%5B%5D=93>>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- DE BONI, Luis Alberto (org.). *La Mérica: escritos dos primeiros imigrantes italianos*. Caxias do Sul: UCS; Porto Alegre: EST, 1977.
- DIEHL, Astor Antônio. *Teorias da História*. Cultura historiográfica (memória, identidade e representação). Bauru: EDUSC, 2002.
- FALCÃO, Andréa. Museu como lugar de memória. In: Museu e escola: educação formal e não formal. a. XIX, n. 3, Maio/2009. *Série TV Escola*, Ministério da Educação. Disponível: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012191.pdf>>. Acessado em: 25 jun 2019.
- FOLETTTO, Célia Terezinha. *O Museu do Imigrante Italiano “Eduardo Marcuzzo”*: História e Identidade. Vale Vêneto/Santa Maria. 2019. 101f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.
- LEMONS, Carlos Alberto Cerqueira. *O que é patrimônio histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- MARIN, J. R. (org.). *Quarta Colônia: Novos Olhares*. Porto Alegre: EST, 1999.
- PAIVA, Eduardo França. *História & Imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Tradução de Monique Augras. *Estudos Históricos*, v. 5, n.10, Rio de Janeiro, 1992, p. 200-212.
- SPONCHIADO, Breno Antônio. *Imigração & 4ª Colônia*: Nova Palma e Pe. Luizinho. 2. ed., revisada e ampliada. Santa Maria: UFSM, 2019.
- VENDRAME, Maíra Inês. *“Lá éramos servos, aqui somos senhores”*: A organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins (1877-1914). 2007. 236f. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Ibéricas e Americanas) – Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2007.

VENDRAME, M. I. *Ares de vingança: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre imigrantes no sul do Brasil (1878 – 1910)*. 2013. 479f. Tese (Doutorado em História das Sociedades Ibéricas e Americanas) – Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2013.

VIZZOTTO, J. M. P. *História de trabalho e fé: bens culturais de Vale Vêneto*. 2014. 261f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2014.